

CÍCERO E A DESCOBERTA DO TÚMULO DE ARQUIMEDES

É geralmente reconhecido que Cícero foi um exímio contador de histórias – incluídas a título de *exemplum* probatório nos discursos ou nos tratados – e que, além disso, revelou em muitas delas a sua irrecusável tendência para o autobiografismo. Do domínio comum é igualmente o facto de o grande orador e político ter tido como traço caracterológico dominante o facto de ser um homem eminentemente vaidoso e ter profusamente manifestado, em extraordinário grau, o desejo de glória, que a posteridade concede aos que, com justos motivos, a mereceram.¹ Menos conhecidos serão o seu interesse pelos *monumenta*, que contribuem para preservar a memória do passado², bem como a sua curiosa veia de arqueólogo. O texto que se segue tem a particularidade de reunir as facetas referidas e vale a pena, por

¹ Plutarco deixou notícia, na sua vida de Cícero (§§ 7-8 e 31), desta tendência do Arpinate para falar constantemente dos seus feitos e do seu valor. A este respeito importa recordar, com Virgílio Paladini (1961: notas 35-36), quanto Cícero se preocupava com a opinião dos vindouros, passados seiscentos (quer dizer, muitos) anos. Dizia ele (*Att.* 2.5.1): *quid ... historiae de nobis ad annos sescentos praedicarint? Quas quidem ego multo magis uereor quam eorum hominum, qui hodie uiuunt, rumusculos*. Algo de semelhante pode ler-se em *Att.* 2.17.2. São inúmeros os passos da obra de Cícero nos quais confessa o seu desejo de aplauso e glória, mas baste recordar alguns momentos do conhecidíssimo *Pro Archia*.

² Sobre o poder evocador dos espaços percorridos ou habitados por grandes figuras do passado, leia-se o que Cícero escreve no *De Finibus* 5.1-3. Segundo o Arpinate, pensamos nos grandes homens com mais vivacidade e atenção quando a força evocativa do lugar a isso nos convida. Por isso Cícero se sentia atraído pelos monumentos, como “lugares de memória” (Kardos, 2004: 90).

isso, recordá-lo. É extraído do Livro V das *Tusculanas* e diz o seguinte:

64 (...) *Ex eadem urbe*³ *humilem homunculum a puluere et radio excitabo, qui multis annis post fuit, Archimedes*.⁴ *Cuius ego quaestor ignoratum ab Syracusanis, cum esse omnino negarent, saeptum undique et uestitum uepribus et dumetis indagavi sepulcrum. Tenebam*⁵ *enim quosdam senariolos*⁶, *quos in eius monumento esse inscriptos acceperam*,⁷ *qui declarabant in summo sepulcro sphaeram esse positam cum cylindro*.⁸ **65** *Ego autem cum omnia conlustrarem oculis (est enim ad portas Agragantinas magna frequentia sepulcrorum), animum aduerti columellam non multum e dumis eminentem, in qua inerat sphaerae figura et cylindri. Atque ego statim Syracusanis (erant autem principes*⁹ *mecum) dixi me illud ipsum arbitrari esse quod quaererem. Inmissi cum falcibus multi purgarunt et aperuerunt locum. 66 Quo cum patefactus esset aditus, ad aduersam*¹⁰ *basim accessimus. Apparebat epigramma*¹¹ *exesis posterioribus partibus*

³ Cícero refere-se à cidade de Siracusa, da qual vinha falando a respeito do tirano Dionísio.

⁴ Dionísio de Siracusa viveu de 430 a 368 a.C., enquanto Arquimedes, igualmente natural de Siracusa, viveu entre 287 e 212 a.C., daí que Cícero diga “muitos anos depois”.

⁵ *Tenebam*: subentenda-se *mente* ou *memoria*: “conhecia de memória”, “lembrava-me”.

⁶ *Senariolus*,-i: pequena composição (poética) em senários *iâmbicos*. Os versos aqui referidos não chegaram até nós.

⁷ *Accipio*,-is,-ere, *accepi*, *acceptum*: “ouvir dizer”.

⁸ Alusão a um dos trabalhos mais célebres de Arquimedes, que chegou até nós e se intitula exactamente *Peri; sphaivra*⁹ *kai; kulivndrou*, isto é, *Sobre a esfera e o cilindro*.

⁹ *Principes*: ‘os próceres’, os ‘notáveis’ da cidade, pessoas do maior relevo social.

¹⁰ *Aduersus*,-a,-um: ‘que fica(va) em frente’, ‘defronte’.

¹¹ O mesmo que *inscriptio*,-onis: “inscrição”.

*uersiculorum dimidiatis*¹² fere. Ita nobilissima Graeciae ciuitas, quondam uero etiam doctissima, sui ciuis unius acutissimi monumentum ignorasset, nisi ab homine Arpinate didicisset.¹³

Tradução:

64 (...) Dessa mesma cidade (de Siracusa) erguerei do pó, com o seu compasso, um obscuro mortal, que viveu muitos anos depois, Arquimedes. Ao tempo em que eu era questor, encontrei o seu sepulcro – ignorado dos Siracusanos, que negavam mesmo a sua existência – rodeado de sebes e coberto de silvados. É que eu tinha na memória alguns versos senários que, segundo se dizia, estavam gravados no seu túmulo e que afirmavam claramente que na parte de cima do sepulcro estava colocada uma esfera com um cilindro¹⁴, **65** Um dia, pois, em que eu passava atentamente em revista todo o terreno junto às portas de Agrigento – local este onde há uma grande quantidade de sepulcros¹⁵ –, dei-me conta de uma pequena coluna, que não sobressaía muito dos arbustos, sobre a qual estavam gravados uma esfera e um cilindro. Nessa altura, logo disse aos Siracusanos (estavam de facto comigo alguns notáveis) que se tratava exactamente, segundo cria, do que procurava. Mandaram-se então vir bastantes homens, que

¹² *Exesis posterioribus partibus ...dimidiatis*: ablativo absoluto; *exesis ...dimidiatis*: ‘carcomido(a)s’ (ou ‘corroídos’) e reduzido(a)s a metade’.

¹³ Cícero, *Tusc. Disp.* 5.23.64-66.

¹⁴ Alusão ao problema, resolvido por Arquimedes, que consistia em inscrever uma esfera num cilindro (Grimal, 1986, 90). Mary Jaeger (2002: 55-56) observa, com razão, que o texto ciceroniano não é claro quanto à posição relativa da esfera e do cilindro. E compreende-se, pois Cícero não estava interessado em descrever o monumento (por isso não registou os versos), antes pretendia falar da sua descoberta. A sua visão é focalizada na primeira pessoa.

¹⁵ Recorde-se que os antigos sepultavam os mortos fora do perímetro da cidade, ao longo das principais vias que da cidade conduziam a outros lugares. Desse modo, podiam os vivos ver os túmulos, ler as inscrições fúnebres e lembrar os mortos.

com foices limpavam e puseram o local a descoberto. **66** Depois de se abrir uma entrada até ao monumento, aproximámo-nos da face anterior do pedestal. Viu-se então uma inscrição que tinha os versos praticamente corroídos na extremidade e reduzidos a metade. E assim uma famosíssima cidade da Grécia,¹⁶ outrora também muito culta, teria desconhecido o monumento do seu mais talentoso cidadão, se não tivesse sido ensinada por um indivíduo oriundo de Arpino.

Comentário:

A uma primeira leitura, esta pequena história, narrada por Cícero na primeira pessoa, nada tem de muito especial, a não ser o facto de nos dar a saber, pelo testemunho do próprio orador, que foi ele quem descobriu o desconhecido paradeiro do túmulo de Arquimedes. Todavia, se se atender ao modo como é narrada, a história revela-se, do ponto de vista retórico, particularmente rica de entendidos e subentendidos.

Com evidente satisfação, o Arpinate recorda, à distância de trinta anos, a forma como procedera à descoberta do túmulo de Arquimedes.¹⁷ Movido pelo interesse pelas coisas gregas e pela

¹⁶ Siracusa era uma antiga colónia grega. O termo Grécia está aqui utilizado não em sentido restrito, mas sim referente ao mundo grego; também em *II Verr.*4.52.117 Siracusa é referida como *maxima Graecarum (urbium)*, *pulcherrima omnium* (como lembram Thomas Wilson Dougan and Robert Mitchell Henry, 1934, em comentário *ad loc.*).

¹⁷ Arquimedes foi morto por um soldado romano quando os Romanos, comandados por M. Claudius Marcellus, puseram cerco a Siracusa, em 212 a.C., no decurso da segunda guerra púnica. Morreu, nas palavras de Tito Lívio (25.31), *intentum formis quas in pulvere descripserat*. Claudius Marcellus, no entanto, dera ordens para que tratassem bem o geómetra, pois admirava a sua inteligência e os seus estudos, e lamentou profundamente a sua morte (Garcia Moreno, 2002, 265). Siracusa era a capital histórica da primeira província romana. Os Romanos desde sempre tiveram relações cordiais com os Sicilianos gregos, que os apoiaram contra os Cartagineses. Cícero teve igualmente um vivo interesse pela história da ilha. O cargo de questor, que exerceu com zelo no ano de 75, e o seu trabalho como advogado dos

curiosidade científica, Cícero, então a exercer o cargo de questor em Lilibeu, decidiu investigar em Siracusa – quem sabe se numa deslocação à capital da Sicília grega, se já no regresso à Itália e a Roma¹⁸ – o sítio do túmulo de Arquimedes. Os únicos dados de que dispunha consistiam na indicação de que o sepulcro era encimado por uma esfera e um cilindro e de que o geómetra morrera em Siracusa. Investigou e encontrou, no meio de tantos outros, o sepulcro que procurava. E é tudo quanto ficamos a saber.

Atente-se, no entanto, na forma engenhosa como o narrador conta a sua história. No início da narrativa ciceroniana, o narrador começa por caracterizar o famoso geómetra grego com as palavras *humilis homunculus* (mas em acusativo, não em nominativo...), sendo o seu nome identificador colocado, em forte disjunção, no final da frase; já no término da narrativa, o mesmo Arquimedes é considerado *ciuis acutissimus*, embora tenha deixado de ser o foco das atenções, que passou a incidir sobre o túmulo (*ciuis unius acutissimi monumentum*). Como se depreende, estamos perante ingredientes retóricos que se destinam a sublinhar a distância entre o antes (da descoberta de Cícero) e o depois (dessa descoberta), bem como a acentuar a importância cultural de um tão importante achado arqueológico. Exemplar deste estudado contraste ao longo do texto é o final da narrativa: segundo conclui o narrador – numa espécie de comentário epigramático quase paradoxal –, a mais importante cidade da (Magna) Grécia é resgatada da sua ignorância histórica e cultural por um simples “homem de Arpino”. Mais ainda: nesta fase da narrativa, um simples *homo Arpinas* (mas apresentado através de um ablativo agente, *ab homine Arpinate*) – como quem diz: um obscuro munícipe

Sicilianos contra as extorsões de Verres fizeram-no ser apreciado pelos habitantes da ilha. Sobre esta matéria, veja-se P. Grimal, 1986, pp. 85-91. A descoberta de Cícero deu-se cento e trinta e sete anos após a morte do geómetra.

¹⁸ Sihler (1969: 63-65) é de parecer que foi no regresso de Lilibeu a Roma, ao passar por Siracusa, que Cícero deu azo à sua curiosidade e quis procurar o túmulo de Arquimedes.

de província, cidadão romano de segunda ordem – opõe-se com orgulho, não já ao cientista Arquimedes, como seria de esperar, mas sim à *nobilissima Graeciae ciuitas* (que surge no caso nominativo, mas um nominativo paciente)...

Para se aquilatar do alcance deste acentuado e orgulhoso contraste, é importante atentar na expressão *homo Arpinas*, com a qual Cícero se refere a si próprio, com aparente modéstia, no fecho da narrativa. É que a expressão tem mais profundidade significativa do que poderá parecer à primeira vista. Cícero era, todos o sabem, natural de Arpino, um burgo do Lácio. Era latino, não era romano. Por isso lhe chamaram, com algum despeito à mistura, *inquilinus ciuis urbis Romae* (Salústio, *Catilina*, 31.7) ou *peregrinus* (Cícero, *Pro P. Sulla*, 22), ou uma espécie de cidadão importado e de há pouco enxertado na cidade de Roma, como vem dito na invectiva contra M. Túlio Cícero, atribuída a Salústio. Cícero não ficou insensível ao ataque dos seus adversários políticos, pois acusá-lo de ser de Arpino equivalia a acusá-lo de ser da província, de ser oriundo de um município que não Roma, de não pertencer ao “milieu” da grande política, de estar condenado, em suma, a passar ao lado do protagonismo político que tanto almejava.¹⁹

Compreende-se agora o orgulho de que o Arpinate dá mostras e que radicava no facto de ele, um habitante de Arpino, ter sido capaz de dar lições aos Gregos do seu tempo. O túmulo de Arquimedes encontrava-se votado ao esquecimento e ao abandono pelos seus

¹⁹ As *Tusculanas*, onde a descoberta do túmulo de Arquimedes é evocada, datam do verão do ano 45 a.C.; mais tarde ainda, na terceira *Filípica*, Cícero assinalará o desprezo dos seus adversários pelo “homem de Arpino” e, em geral, pelos homens originários dos municípios: *uidete quam despiciamur omnes qui sumus e municipiis* (apud Félix Gaffiot, 1989, 13). Compreende-se, pois, que Virgílio Paladini (1961: 35-36), referindo-se ao contínuo autobiografismo característico de Cícero e à sua conhecida vaidade, escreva: “La compiacenza di sé fui, in lui, anche reazione alle condizioni d’inferiorità dell’*homo nouus*, cui la nascita non nobile e l’origine provinciale erano di ostacolo al *cursus honorum*, se non gliene precludevano addirittura l’accesso al piu alto gradino.”

conterrâneos gregos. Cícero quis saber do seu paradeiro e conseguiu descobri-lo. A roda da fortuna fizera o seu caminho e agora, decaídos do seu antigo esplendor, os Gregos estavam condenados a ver-se ultrapassados pelos Romanos que eles tinham ensinado...

Atente-se ainda num outro aspecto não despiciendo para a análise das implicações da narrativa ciceroniana: o do seu enquadramento. Só em função da moldura que a enquadra se compreende que o grande Arquimedes seja apelidado de *humilis homunculus*.²⁰ Esta pequena história a respeito da descoberta do túmulo de Arquimedes vem inserida no livro V das *Tusculanas* e constitui, em boa verdade, uma digressão em relação ao tema central em discussão, o de saber em que reside a felicidade, se na virtude ou na riqueza. Com o objectivo de opor a um mau *exemplum* um *exemplum* bom, Cícero refere e comenta o caso de Dionísio – tirano de Siracusa (430-368 a.C.) que se apoderou ilegalmente do poder e que não tinha amigos nem era capaz de confiar em ninguém, nem mesmo nos próprios filhos –, e passa, depois, a evocar a figura de Arquimedes, pois, como diz, não se atreveria a comparar a miserável vida do tirano Dionísio com a de um Platão ou de Árcitas, que foram extraordinários filósofos e sábios. A comparação fá-la-á, por isso, com a de um obscuro e pobre homem..., Arquimedes.

E aqui entra em jogo um outro aspecto da questão. Será que Cícero traz à memória a figura do célebre geómetra grego com o

²⁰ *Humilem homunculum*, ‘obscuro e pobre homem’: segundo Th. Wilson Dougan e R. Mitchel Henry, em comentário *ad loc.*, o epíteto *humilis* entende-se em termos relativos, se se comparar a notoriedade de Arquimedes com a de um Platão ou Árcitas, ou mesmo de Dionísio, de quem Cícero estivera a falar. Além disso, Arquimedes, segundo Plutarco (*Marc.* 14) amigo do rei Hierão de Siracusa, não era pobre (um dos significados de *humilis*). Mas a semântica de *humilis* neste contexto é mais complexa e rica. É que Cícero afirma que vai *excitare* (‘erguer’, ‘evocar’) e *puluere* (‘do pó’, ‘do chão’) *humilem homunculum* (‘um pobre homem de baixa condição’), alguém que estava, por assim dizer, “de rastos” e que vai ser “erguido” e trazido à memória dos homens, como quem ergue uma estátua que jazia por terra, abandonada ao esquecimento.

intuito de falar da sua obra e do valor da cultura grega, que tanto apreciava? Não.²¹ O seu objectivo claro é ilustrar o orgulho que sentiu um simples romano de Arpino por ter dado a conhecer a Siracusa – a mais importante cidade da Sicília, e em tempos a mais culta – o paradeiro do túmulo do seu mais genial cidadão, Arquimedes. É que há gestos que passam se a escrita os não passar à memória. E também o de Cícero ficaria na sombra, se ele mesmo o não narrasse...²²

Quanto ao comentário que encerra o caso, ele vem confirmar o que já se sabia ou suspeitava: que a história narrada foi um excursus. Diz Cícero (*Tusc.5.23.66*): *Sed redeat unde aberravit oratio.*, “Mas que o discurso volte ao ponto donde se desviou.” Atente-se, no entanto, nas palavras que se seguem de imediato e fecham a moldura que encerra a narrativa: *Quis est omnium qui modum cum Musis, id est cum humanitate et cum doctrina, habeat aliquod commercium, qui se non hunc mathematicum malit quam illum tyrannum?*, isto é: “De todos os que presentemente têm qualquer comércio com as Musas, a saber, com a cultura e com o saber, quem há que não prefira este cientista àquele tirano?”

Com estas palavras Cícero retoma a oposição inicial – enunciada antes da digressão – entre um homem de ciência e cultura como Arquimedes e um tirano como Dionísio. Note-se, contudo, que a palavra que encerra a narrativa é exactamente *tyrannum*. Será possível ver nisto um sinal de que a história pode ter outras implicações e outras chaves de leitura? Com muita finura analítica, Mary Jaeger (2002: 56-60), contextualizando no tempo biográfico de Cícero essa narrativa, sustenta, com alguma verosimilhança e na esteira de Pierre

²¹ Em comentário ao passo, Marie-José Kardos (2004: 94) chama a atenção para o facto de a figura de Arquimedes, aqui evocada, passar a segundo plano. Importa o papel do arqueólogo Cícero, que investiga e deduz a partir dos textos e com a sua intervenção tira Arquimedes do esquecimento.

²² Mary Jaeger (2002:55-56) chama a atenção para a função simbólica e retórica da “anedota”: o tempo devorara a última metade de cada verso da inscrição, sinal inequívoco de que até a pedra está sujeita à erosão do tempo. Sobre esta matéria, veja-se também D. Fowler (2000: 193-217).

Grimal (que já em 1986 o afirmara), que nela o Arpinate se revê no geômetra Arquimedes, cabendo a Júlio César ocupar a cadeira do tirano Dionísio. Num tempo em que o filósofo de Arpino estava forçadamente entregue ao seu *otium cum dignitate* e a cadeira do poder era ocupada por Júlio César, esta leitura é legítima. As pedras encaixam-se, como se de um *puzzle* se tratasse. Quem há que não prefira um homem de cultura a um tirano? Perguntará talvez Cícero, por subentendidas palavras: quem há que não prefira Cícero a Júlio César?

Em conclusão:

Exímio contador de histórias, curioso arqueólogo ocasional e claramente orgulhoso do seu feito por ter identificado o túmulo de Arquimedes, Cícero revela-se por inteiro neste pequeno texto, até mesmo nas entrelinhas.

Referências bibliográficas

- CICÉRON, *Tusculanes*. Tome II (III-V). Texte établi par Georges Fohlen et traduit par Jules Humbert, Paris, Les Belles Lettres, 1968.
- M. TULLI CICERONIS *Tusculanarum Disputationum Libri Quinque* (1934). A revised Text with Introduction and Commentary and a Collation of numerous MSS by late Thomas Wilson Dougan and Robert Mitchell Henry, Volume II (containing Books III-IV), Cambridge, At the University Press.
- D. FOWLER (2000), "The ruin of time: monuments and survival at Rome": *Roman Constructions*. Oxford: 193-217.
- Félix GAFFIOT (1989), in *Cicéron, Discours, Tome XII, Pour le poète Archias*, Texte établi et traduit par Félix Gaffiot. Cinquième triage revu, corrigé et augmenté par Philippe Moreau, Paris, Les Belles Lettres.
- Luis A. GARCÍA MORENO (2002), "Filohelenismo y moderación. Garantías según Plutarco de una dominación estable del mundo

- griego por Roma”, in *Actas do Congresso “Plutarco Educador da Europa”*, Porto, Edição da Fundação Eng. António de Almeida: 261-280.
- P. GRIMAL (1986), *Cicéron*, Paris, Librairie Arthème Fayard.
- Mary JAEGER (2002), “Cicero and Archimedes’ Tomb”, *J.R.S.* XCII: 49-61.
- Marie-José KARDOS (2004), “Cicéron et les monuments”, *R.E.L.* 82: 89-101.
- Vergilio PALADINI (1961), “Cicerone: l’uomo e il suo tempo”, in *Marco Tullio Cicerone. Scritti commemorative pubblicati nel bimillenario della morte*, Firenze, Istituto di Studi Romani, Centro di Studi Ciceroniani: 31-61.
- E. G. SIHLER (1969), *Cicero of Arpinum. A political and literary Biography*, New York, Cooper Square Publishers, Inc.

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA